



Isabela Berrogain

A-ha, u-hu, a tesourinha é nossa! O grito que se tornou marca do tradicional Ventoinha de Canudo volta a tomar as ruas da 207 Norte na terça-feira de carnaval, a partir das 16h20. Criado em 2004, o bloco surgiu após uma viagem entre amigos músicos à Bahia — lá, eles compraram pífanos e tiveram a ideia de compor uma banda que tocasse de acordo com o som da pequena flauta transversal, muito utilizada no Nordeste. Do grupo, surgiu o projeto carnavalesco que, mesmo sem palco e sem trio elétrico, conquistou o público brasiliense.

Organizadora do bloco, Dani Neri lembra que, quando o bloco saiu pela primeira vez, há 22 anos, a intenção era de movimentar o carnaval de rua de Brasília. “Naquela época, a gente via muitas pessoas saindo da cidade e indo para o Rio de Janeiro, Recife.”, recorda. “A cidade ainda tinha aquele carnaval muito elitizado, de clube, e a gente queria fazer algo autêntico, que fosse a nossa cara e chamasse as pessoas para ocupar os espaços públicos da capital”, explica a fundadora.

“A cada ano, nosso bloco foi crescendo e nós fomos passando pelos comércios, balões, ruas e becos, até encontrarmos a tesourinha, que virou nosso trajeto tradicional”, relata Dani. “É uma rua que, durante o ano inteiro, é ocupada apenas por carros, o que torna o nosso percurso ainda mais

Os donos da tesourinha

O BLOCO VENTONHA DE CANUDO VOLTA A OCUPAR AS RUAS DA 207 NORTE, NO TRADICIONAL CIRCUITO, NESTA TERÇA-FEIRA. A CONCENTRAÇÃO OCORRE A PARTIR DAS 16H20



especial, passando por ali com foliões, crianças e pessoas de todas as idades”, celebra a organizadora.

“Quando a gente grita que a tesourinha é nossa, a gente está lutando pelo direito a ocupar a cidade”, declara Dani. “O que deveria ser algo disponível, se tornou algo que temos

O Ventoinha de Canudo reúne muitos brincantes na Asa Norte

SERVIÇO

Ventoinha de Canudo

Terça, às 16h20, no gramadão da 207 Norte (circuito da tesourinha) Entrada franca

que lutar para ter”, lamenta a organizadora do Ventoinha. “Carnavalizar, ter o direito de ocupar a cidade com a nossa folia, também é um ato democrático. Então nós defendemos muito o direito à cidade e ao carnaval de rua, que é construído com muitos desafios”, afirma.

O som dos pífanos

“Feliz, singelo e autêntico”, é assim que Dani define o Ventoinha de Canudo. “O nosso bloco é da alegria, da diversidade, do respeito e do encontro de gerações”, descreve. Ao som dos pífanos e dos tambores de percussão, os músicos são conhecidos por lembrar marchinhas carnavalescas de sucesso, convidando o público a dançar livremente com o frevo, a ciranda e o forró. Neste ano, a passagem do Maracatu do Boiadeiro Boi Brilhante encerra o percurso.

Para além da diversão e da fanfarra, Dani acredita que o bloco também desempenha um papel importante na memória afetiva de muitos brasilienses. “As bandas tradicionais de pífano, das quais a gente bebe da fonte, vêm de diferentes lugares do Nordeste”, aponta a organizadora. “E Brasília tem, enquanto formação, uma referência muito forte da cultura nordestina. Muitas pessoas vieram de lá para cá, para construir a capital”, destaca.

“Então, quando o público chega e escuta o Ventoinha passar, gera uma memória afetiva muito grande, porque muitos candangos têm nas veias familiares algum lugar do Nordeste, ou algo da cultura nordestina, que é muito ampla, mas que tem essa referência das bandas de pífanos espalhadas em diferentes estados”, opina Dani.